

# **Da permanência dos conceitos sobre o setor agrícola expostos nos ensaios sobre A riqueza das nações**

Julian M. Chacel \*

1. Introdução; 2. O marco histórico da agricultura do século XVIII; 3. A interdependência entre campo e cidade; 4. O modelo inferido da experiência contemporânea; 5. Conceitos e temas — a teorização antiga na roupagem moderna; 6. A superação pelo tempo e a verdade permanente.

## **1. Introdução**

Segundo J. Viner, em seu escrito de 1927, a importância de Adam Smith no pensamento econômico resulta da sua detalhada e elaborada aplicação de um sistema mutuamente interdependente de relação de causa e efeito aos fenômenos econômicos. Ter estabelecido uma tendência definida no sentido de uma síntese logicamente compatível das relações de natureza econômica.

O tema imposto encerra assim uma natural dificuldade: a visão setorial dentro de uma obra abrangente. Os instrumentos de análise do autor ao referir-se aos fenômenos econômicos são a lógica (da qual foi professor na Universidade de Glasgow entre 1751 e 1764), o apelo a alguns princípios evidentes da psicologia humana, o método histórico e a inferência retirada da experiência contemporânea.

\* Diretor de pesquisas do IBRE/FGV.

Na modéstia desta contribuição ao seminário comemorativo do bicentenário de *A riqueza das nações* não saberia reviver melhor a imagem de Adam Smith do que tentar, no tratamento do tema, seguir-lhe os passos, e, por isso, este escrito inicia-se com o marco histórico da agricultura do século XVIII.

## 2. O marco histórico da agricultura do século XVIII

No último quartel do século XVIII Necker estimava a população da França em 26 milhões de habitantes, a da Grã-Bretanha em 12 milhões, a da Espanha em 10 e a da Prússia em 6 milhões e desde o segundo quartel desse século a população crescera em 30%.

As referências históricas ficam, contudo, limitadas à Grã-Bretanha e à França porque — exceção feita ao apelo a autores da antiguidade clássica e às colônias do Novo Mundo — a inferência de Adam Smith fundamenta-se, quase sempre, nesses dois países. A Grã-Bretanha por motivos óbvios e a França em função de sua convivência com os economistas, isto é, Quesnay, Turgot, D'Alembert e Helvetius — os fisiocratas. Diz-se mesmo que Adam Smith iniciou em Toulouse o seu *Inquérito sobre a natureza e causas da riqueza das nações*.

A partir da década 1730-40 esses dois países foram testemunhas de uma rápida expansão econômica. Não obstante a expansão manufatureira e comercial, a Grã-Bretanha tinha como atividade principal o plantio de cereais, e sua agricultura achava-se mais adiantada que a da França porque, em substituição às terras em posio, desde a metade do século XVI aí praticava-se a divisão de pastos (*enclosure*), somente introduzida na França já bem adiantado o século XVIII. Na França, os rendimentos eram mais baixos porquanto em lugar de fazer-se a rotação entre cultivos e produção animal, as terras ficavam em descanso a cada três anos nas regiões mais ricas e a cada dois nas regiões mais pobres.

Seja como for, entre 1730 e 1755 assistiu-se nos dois países a acentuada modificação na técnica agrícola. A introdução da batata, a intensificação do cultivo de grãos, as pastagens artificiais e o uso de novos forrageiros como a cenoura, o nabo, o trevo etc. Talvez caminhando em paralelo com os primeiros passos da revolução industrial, diversificaram-se os implementos agrícolas e o arado de madeira é substituído pelo de lâmina de ferro. Empregam-se métodos de drenagem e irrigação e os bovinos são substituídos pelo cavalo como animal de tração. Empregam-se moinhos de água e faz-se

a seleção de raças. A revolução das cercas na Grã-Bretanha, ao permitir a criação de ovelhas, responde às necessidades da indústria têxtil em termos de fornecimentos de matéria-prima mas cria o problema social de liberação da mão-de-obra. Vale aqui a citação de Thomas More: “a doce ovelha tornou-se um animal selvagem mais voraz que as feras da África”.

Retardada em relação à agricultura da Grã-Bretanha reclama-se na França sob influência do mercantilismo de Colbert, a liberdade de escolha de cultivos e de cercar terras e a livre circulação de grãos. Na Grã-Bretanha os reclamos de liberalização orientam-se para as *parish laws* e para as *corn laws*, estas últimas objeto de uma digressão nos próprios ensaios sobre a riqueza das nações.

Na França do final do século XVIII, embora a servidão tivesse sido abolida nos domínios reais, o camponês, proprietário ou não, estava sujeito a pesados impostos — o dízimo, a capitação e a *taille*, tributo considerado por Adam Smith como antieconômico. Na Grã-Bretanha submetida a menos regulação pelo soberano, ao tempo do aparecimento de *A riqueza das nações* havia as condições objetivas para tornar a sua agricultura a mais adiantada do mundo — ainda que com maior concentração e à custa do desaparecimento dos pequenos proprietários reduzidos em 1830 a cerca de 130 mil, quando predominava no campo o proletariado agrícola.

### 3. A interdependência entre campo e cidade

A noção de interdependência entre campo e cidade, ou entre nações agrícolas de um lado e nações industriais e mercantis de outro, surge claramente na crítica de Adam Smith aos fisiocratas talvez como consequência lógica do *Tableau economique* do Dr. Quesnay, versão primeira do fluxo circular, ser um quadro de relações de interdependência entre três segmentos da sociedade.

E aqui começam as inevitáveis citações do autor a quem se rende homenagem no culto de sua obra: “Os habitantes de uma cidade, embora quase nunca possuam terras próprias, ainda assim retiram para si, através de sua atividade, determinada quantidade de produtos naturais da terra que lhes são supridos não só como contraparte dos materiais de seu trabalho como pelo fundo de sua subsistência.”

Essa mesma idéia de interdependência, sob outra luz, acha-se contida na essência do colbertismo que, como reação, provocou o nascimento da doutrina dos fisiocratas, tal como descrita por Smith:

"M. Colbert, o famoso ministro de Luís XIV, era homem de grande probidade, engenho e conhecimento pormenorizado; de grande experiência e acuidade no exame das contas públicas... Esse ministro infelizmente encampou todos os preconceitos do mercantilismo, por natureza um sistema de contenção e regulação... A indústria e o comércio de um grande país, ele ambicionava regular à imagem e semelhança dos organismos governamentais... Estava não só disposto, como outros ministros europeus, a encorajar mais as atividades da cidade do que do campo, mas ainda, a fim de suprir as atividades urbanas, mostrava-se disposto a deprimir as atividades agrícolas. Para tornar o abastecimento barato para os habitantes das cidades e encorajar as manufaturas e o comércio também proibiu a exportação de cereais, assim excluindo os habitantes do campo dos mercados externos para uma parte importante do produto de sua atividade." <sup>1</sup>

A causa da depressão então sentida no agro francês em que a interdependência era distorcida em favor das cidades era a clara preferência contida nas instituições criadas por Colbert, inclusive o sistema de imposto, como decorrência de um juízo de valor sobre a superioridade das atividades industriais e urbanas sobre as atividades rurais.

Numa linguagem moderna, a industrialização estaria sendo financiada pela agricultura na relação de trocas adversas para este setor e a secretaria executiva da CEPAL da década dos anos 1950 teria ido buscar sua inspiração para a doutrina do desenvolvimento latino-americano no ministro das finanças de Luís XIV.

#### **4. O modelo inferido da experiência contemporânea**

Iniciador da escola clássica inglesa, Adam Smith fixa o norte das construções teóricas todas elas na essência feitas em termos reais. A unidade fundamental do valor é a capacidade de mobilizar trabalho, quer em termos de esforço quer em termos de engenho, isto é, a noção de *labour commanded* que em Ricardo vai evoluir para *labour embodied*, ou seja, o trabalho incorporado.

"O trabalho, por conseguinte, é a medida real do valor de troca de todas as mercadorias." Como no contexto da atividade econômica do século XVIII o cultivo de grãos é a atividade mais importante, em princípio, segundo Adam Smith, a renda produzida por tal cultivo preservaria

<sup>1</sup> Dos sistemas agrícolas. livro IV, cap. IX.

melhor o valor através do tempo comparativamente às rendas monetárias. O que impede a utilização desse padrão como medida do valor é a sua flutuação de curto prazo em face da sua estabilidade de longo prazo.<sup>2</sup>

De qualquer sorte, o raciocínio em termos reais está sempre presente em *A riqueza das nações*. E nas construções teóricas que partem da experiência contemporânea, o setor agrícola está constantemente citado ao nível de casos provavelmente pelo simples fato de no contexto da época tratar-se da atividade econômica principal. O ponto de partida de Smith é sempre o estágio primitivo da sociedade (*rude state of society*), estágio que precede a acumulação de capital e a apropriação da terra. Sob o aspecto de uma economia coletora e fechada acode à mente o “modelo robinsoniano” tão usado com fins didáticos para explicar o fenômeno do investimento e a passagem de um estado estacionário a um estado de progresso.

Adam Smith distingue três tipos de produto primitivo ou natural:

1. Aqueles em relação aos quais o homem não tem capacidade de multiplicação.
2. Os que podem ser aumentados em proporção de demanda.
3. Aqueles em relação aos quais a eficácia do engenho humano é ou incerta ou limitada.

Os bens da categoria 2 é que definem a passagem de um estágio primitivo a um estágio de progresso, o cultivo de cereais e grãos e a engorda de gado sendo os dois grandes objetivos da agricultura.

No capítulo XI do livro I, ao tratar da renda da terra como preço pago pelo seu uso, segundo sua diferença de fertilidade, são esses dois produtos que correspondem ao resultado da produção agrícola que sempre geram “renda da terra”. Entre as alternativas extremas de produção, cereais e carne, há o produto da terra que pode ou não gerar renda. Mais uma citação: “O alimento humano parece ser o único produto da terra que sempre e necessariamente permite o pagamento de renda ao proprietário.” Assim, os produtos utilizados para o vestuário e o alojamento, somente à medida que a sociedade econômica passa de um estágio primitivo a um estágio de progresso, passam a gerar, pelo seu preço, certa renda para o proprietário da terra.

<sup>2</sup> Of prices of commodities.

Nesse mesmo capítulo é possível encontrar em duas passagens o cerne do que poderia ser a dinâmica do modelo: "O que quer que seja que aumente a fertilidade da terra na produção de alimentos, aumenta não só o valor das terras em relação às quais a melhoria se processa, mas também contribui analogamente para aumentar a de muitas outras terras, pela criação de uma nova demanda pelo seu resultado de produção. Essa abundância de alimento, da qual, em consequência da melhoria da terra, muitos têm à sua disposição mais do que podem consumir, é a grande causa da procura tanto por metais e pedras preciosas, assim como outros objetos de ornamento ou de vestuário, habitação, móveis domésticos e demais alfaías. Alimentos não só constituem a parte principal da riqueza do mundo, mas é a abundância de alimentos que confere a principal parte do seu valor a muitas outras formas de riquezas." E ainda, ao discorrer sobre as variações na proporção entre os respectivos valores do produto que sempre permite renda e do produto que às vezes permite e em outras não. Nova citação: "A abundância crescente de alimento, em consequência da crescente melhoria e cultivo, deve necessariamente aumentar a demanda de cada parcela do produto agrícola não-alimentar e que pode ser empregada tanto para uso como para ornamento." E mais: "À medida que arte e indústria avançam, os materiais de vestuário e moradia, os fósseis úteis e os minerais da terra, os metais e pedras preciosas, devem gradualmente ter mais e mais demanda, e serem trocados por quantidade crescente de alimentos, em outras palavras, tornarem-se cada vez mais caros."

Há assim nessa visão dinâmica um sentido profético e a idéia de deterioração secular dos preços relativos dos bens alimentares.

## **5. Conceitos e temas — a teorização antiga na roupagem moderna**

Ensaio considerado como pedra fundamental da ciência econômica, é evidente que a obra de Adam Smith teria de conter inúmeras postulações de caráter perene e que guardam sua validade na teoria econômica moderna. Neste ponto não se pode fugir de trechos escolhidos, um pouco ao arbítrio de quem os seleciona.

No domínio da agricultura, ao abrir seu monumental ensaio, Adam Smith assinala que a "divisão do trabalho é a grande causa de seu crescente poder, a natureza da agricultura, todavia, não admite tantas subdivisões de trabalho nem uma completa separação de uma tarefa a outra como na produção de manufaturas... Esta impossibilidade de realizar uma completa e inteira separação de todos os diferentes tipos de trabalho emprega-

dos na agricultura é talvez a razão pela qual, nessa arte, nem sempre os poderes produtivos do trabalho vão em paralelo com sua melhoria nas manufaturas". É de pensar-se que Adam Smith teria estabelecido a relação entre indivisibilidade e ciclos vegetativos da mesma forma que hoje se diz que, em contraste com a indústria de transformação, a agricultura não permite o cálculo *ex-ante* porque nela não há controle perfeito sobre as quantidades ofertadas.

Em outras passagens, quando trata de relação entre proprietário e arrendatários, Adam Smith tem uma visão crítica da agricultura e desenvolve uma teoria da exploração. Eis as citações: "Assim que a terra de qualquer país torna-se propriedade privada, os proprietários, como quaisquer outros homens, gostam de colher onde nunca plantaram, e exigem uma renda mesmo pelo produto natural. A madeira da floresta, o pasto do campo e todos os outros frutos naturais da terra, que, quando a terra era comum, custavam ao trabalhador apenas o esforço de recolhê-los, passam, para este, a ter um preço adicional. Deve então pagar pela licença para colhê-los; e deve desistir, em favor do proprietário, de uma porção do que o seu trabalho coleta ou produz. Essa porção, ou o que vem a dar no mesmo, o preço dessa fração, constitui a renda da terra, e no preço da maioria dos bens é, com os salários e os lucros, uma terceira componente. O trabalho mede o valor não só da parte do preço que se traduz em trabalho, mas aquela parte que se traduz em renda da terra do grão, por exemplo, uma parte paga a renda do proprietário, outra os salários de manutenção dos trabalhadores e a manutenção dos animais de trabalho e uma terceira paga o lucro da exploração pelo fazendeiro (cultivador). E mais: a renda da terra, por conseguinte, considerada como preço (cultivador). E mais: a renda da terra, por conseguinte, considerada como preço pago pelo seu uso é naturalmente um preço de monopólio. Não é inteiramente proporcionada pelo proprietário naquilo em que contribuiu para a melhoria da terra, ou aquilo que poderia cobrar, mas sim aquilo que o cultivador pode efetivamente dar-lhe. Em tais passagens verifica-se que em *A riqueza das nações*, a ordem que deságua num sistema de liberdade natural não tem a mesma força que na teoria dos sentimentos morais, onde o sistema ético é baseado em uma doutrina de uma ordem harmoniosa na natureza comandada por Deus. Este aliás é um ponto assinalado por Viner no ensaio inicialmente referido em que mostra as discrepâncias sobre a ordem natural existentes nas duas obras de Adam Smith separadas por um espaço de 19 anos em que, seguramente, o pensamento do autor evoluiu.

A noção de custo alternativo (ou de opção) aparece claramente quando Adam Smith assinala que: "Grande parte das terras laboráveis têm de ser empregadas em criar e engordar o gado, do qual o preço, por conseguinte, deve ser suficiente para pagar não só o trabalho necessário para mantê-lo, mas a renda que o proprietário e o lucro que o cultivador poderiam ter derivado da exploração de grãos."

Adam Smith ao assinalar que os grãos são de colheita anual e a carne bovina uma cultura que requer cinco anos para crescer, acentua que, em consequência, a mesma superfície de terra produzindo uma quantidade inferior deve ser compensada pela superioridade do preço. Nessa análise está captada a noção de preço relativo através um critério quantitativo, ainda hoje válido para países superpovoados como Índia e Paquistão; critério que explica a abstenção do consumo de carne. Sob um critério qualitativo as proteínas, que dependem de um processo de transformação de cereais em carne, como grupo de compostos orgânicos contendo nitrogênio, os aminoácidos, teriam de esperar pelo ano de 1839 e pelo biólogo holandês Mulder para serem incorporadas a um tipo de análise da produção de cereais *versus* carne análoga à efetuada em *A riqueza das nações* por Adam Smith.

Adam Smith assinala ainda a importância dos sistemas viários no escoamento da produção agrícola ao diminuir o custo de carregamento, e colocando as regiões mais afastadas do país numa situação quase igual à das vizinhanças das cidades. Diz mesmo que estradas, canais e rios tornados navegáveis contam-se entre as maiores de todas as melhorias. Tem consciência de que a renda da terra não só varia com a sua fertilidade, qualquer que seja a colheita, mas também com a sua localização, qualquer que seja a sua fertilidade.

O conceito de elasticidade tão útil para a análise econômica está implícito nesta passagem de Adam Smith, como elasticidade-renda da demanda: "O homem rico não consome mais alimento que o seu vizinho pobre. Em qualidade pode ser diferente, e selecioná-los e prepará-los pode requerer mais trabalho e arte. Mas compare o palácio espaçoso e o imenso guarda-roupa de um, com a choupana e os poucos trastes de outro, e sentirá que a diferença de suas vestimentas, moradias e mobília é quase tão grande em qualidade como em quantidade. O desejo por comida está definido em cada homem pela limitada capacidade de seu estômago, mas o desejo por objetos de conveniência e artigos de decoração da casa, vestuário, equipagem e mobiliário parece não ter limite ou fronteira."



Finalmente, as flutuações de preços agrícolas toram muito bem captadas por Adam Smith numa antecipação do teorema da teia de aranha segundo o qual o preço de equilíbrio de mercado é definido por erro e tentativa, isto é, oscilações maiores ou menores no seu entorno, em função de uma diferença no tempo entre o preço médio de uma safra e a quantidade da safra seguinte. Ainda nesse domínio, condena o contingenciamento da produção. Eis a prova: "Nossos plantadores de tabaco, analogamente, demonstraram o mesmo temor pela superabundância do produto, que os proprietários dos velhos parreirais em França, pela superabundância do vinho. Por consenso, restringiram seu cultivo a 6 mil plantas, admitido um rendimento de mil de peso de tabaco por negro entre 16 e 60 anos de idade. Esse negro, acima e além dessa quantidade de fumo, pode cultivar, estimam, quatro acres de milho. A fim de evitar que o mercado fique superestocado, em algumas ocasiões, em anos de abundância, conta-nos o Dr. Douglas, porém suspeito (ele Smith) que tenha sido mal-informado, chegaram a queimar certa quantidade de tabaco por negro cultivador, da mesma maneira como se diz que os holandeses fazem com as especiarias. Se tais métodos violentos são necessários para manter o presente preço do fumo, a vantagem desta cultura sobre a de cereais, se é que ainda existe, não terá provavelmente longa duração."

## 6. A superação pelo tempo e a verdade permanente

Se é verdade que a noção de valor trabalho foi substituída pela de valor utilidade no pensamento econômico do Ocidente, a maioria das análises de Adam Smith resistiu galhardamente à passagem do tempo. A idéia de interdependência entre campo e cidade só fez acentuar-se ainda mais. Nesse sentido, Adam Smith não vê conflito entre o progresso da agricultura e o desenvolvimento industrial quando afirma que: "As nações mais opulentas excedem seus vizinhos tanto na agricultura como na indústria, embora sejam melhor reconhecidas em sua superioridade nas manufaturas." A iniquidade de uma estrutura agrária na qual o proprietário exige o pagamento da renda da terra por áreas sem qualquer melhoria e quando estas são feitas pelo arrendatário e o arrendamento chega ao fim, serve de motivo para uma renovação a preço mais alto e é denunciada pelo autor de *A riqueza das nações*. Preços relativos, relação de trocas, elasticidade-renda da demanda, tributação progressiva, custo alternativo são idéias, noções e conceitos contidos na obra de Adam Smith.

É óbvio que se a análise de Adam Smith resulta de uma combinação do método histórico com a inferência da experiência contemporânea, sua construção dinâmica não poderia incorporar as variáveis que fizeram a revolução dos transportes e que permitiram a divisão geográfica do trabalho, com o deslocamento sobre longas distâncias de mercadorias de grande volume e baixo preço unitário. Tampouco poderia ter introduzido um critério qualitativo para ajuizar da superioridade em matéria alimentar de um cultivo sobre outro, posto que a nutrimetria é disciplina muito recente. Nesses 200 anos que se escoaram, os avanços da ciência e da tecnologia certamente superaram a capacidade de previsão do futuro comensurável com a dimensão da vida humana e atingiram a integridade da visão clássica da liberdade do comércio dentro de um sistema fechado.

Mas quem sabe, por outro lado, no próximo século, até que o homem possa alargar os limites do crescimento com a colonização do espaço, os alimentos venham a ser, na renovação de um ciclo longo, uma medida padrão de valor de todas as coisas. Se assim for, os dois séculos até agora decorridos em nada terão obscurecido a importância da obra de Adam Smith nem comprometido a perenidade de certos conceitos fundamentais.